

## DIOCESE DE ITABIRA – CORONEL FABRICIANO: ENTRE IDENTIDADES PLURAIS, O DIALÓGICO DE UMA HISTÓRIA

Júlio César Santos<sup>1</sup>

**Resumo:** *O trabalho estuda a historicidade da diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, canonicamente instituída a 14 de junho de 1965. Como problemática, visou-se reconhecer como o catolicismo incidiu para a formação de uma (ou algumas) identidades regionais. Para tanto, recorreu-se à concepção de cultura política, desenvolvida por René Rémond e por Serge Berstein, aplicando-a à vivência eclesial (imaginários e práticas, alianças e conflitos) da diocese de Itabira-Coronel Fabriciano. Por meio do resultado e divulgação desta pesquisa, foi possível uma maior sociabilização da documentação primária referente à história da diocese de Itabira – Coronel Fabriciano, sob a guarda do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana. Por fim, este trabalho buscou ser um contributo para a produção de uma historiografia religiosa em Minas Gerais.*

**Palavras-chave:** *Historiografia religiosa; Minas Gerais; Diocese de Itabira – Coronel Fabriciano.*

### INTRODUÇÃO

A diocese de Itabira-Coronel Fabriciano abrange atualmente 24 municípios,<sup>2</sup> com uma população com mais de 800.000 habitantes. Grande parte destes atuais municípios tem sua história retrocedente ao início do século XVIII, a partir da ocupação dos sertanistas e primeiros exploradores das pepitas de ouro, junto ao pico do Cauê. Neste processo histórico, a Igreja Católica marcou forte influência, bastando recordar que a ereção do povoado de Itabira do Mato Dentro, em 1705, é oficialmente atribuída aos padres Manuel do Rosário e João Teixeira Ramos, que ali levantaram uma capelinha dedicada à Nossa Senhora do Rosário (BUARQUE, 2015, p. 23).

Ao longo do século XVIII e início do XIX, Itabira do Mato Dentro conheceu certa prosperidade e, diante desse crescimento, em 20 de dezembro de 1825, foi elevada à categoria de arraial, pertencente à Vila Nova da Rainha, atual município de Caeté. Não muito tempo depois, tornou-se freguesia, por desmembramento da Paróquia de Santa Bárbara, com a denominação de Nossa Senhora do Rosário de Itabira (BUARQUE, 2015, p. 31 e 32). De acordo com uma recente pesquisa desempenhada por mim, a antiga capela de Nossa Senhora do Rosário da Itabira foi construída possivelmente onde atualmente é o cemitério do Cruzeiro (SANTOS, 2017, p.4). Esta igreja que, atualmente é inexistente, foi a que se transformou em igreja matriz da nova paróquia em 6 de abril de 1826.

---

<sup>1</sup> Graduando do curso de bacharelado em Filosofia (2016) pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Pós-graduado *lato sensu* em História da Arte Sacra (2017), pela Faculdade Arquidiocesana de Mariana "Dom Luciano Mendes de Almeida" (FAM). Graduado em licenciatura-História (2015) pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). E-mail: jc.santoshis@gmail.com.

<sup>2</sup> Alvinópolis, Antônio Dias, Bela Vista de Minas, Belo Oriente, Bom Jesus do Amparo, Coronel Fabriciano, Dionísio, Ipatinga, Itabira, Itambé, Jaguarauçu, João Monlevade, Marliéria, Mesquita, Nova Era, Passabém, Rio Piracicaba, Santa Maria de Itabira, São Domingos do Prata, São Gonçalo do Rio Abaixo, São José do Goiabal, São Sebastião do Rio Preto, Santana do Paraíso, Timóteo.

O desenvolvimento econômico e político da localidade de Itabira do Mato Dentro encontrava-se diretamente associado à autorização para exploração das jazidas de ferro na América Portuguesa, com a chegada da Corte em 1808. Entretanto, não apenas de ferro vivia a região de Itabira. Desenvolvia-se ali um ativo comércio, com lojas, vendas e tabernas, existindo, portanto, uma população com condições de adquirir tais produtos. Afinal, a localidade também se apresentava como rota de passagem entre as vilas mineradoras, como Vila Rica e Mariana, e o norte de Minas Gerais onde a extração diamantífera no Tejuco e a lavoura algodoeira em Minas Novas estavam em pleno desenvolvimento durante o século XIX. (BRITTO, 2011, p. 11).

## O CATOLICISMO E SEUS DESDOBRAMENTOS NA VIDA CIVIL

Ao longo do século XVIII e XIX, o catolicismo foi se amalgamando à vida social da localidade, sobretudo através das associações, uma vez que a presença de congregações religiosas foi proibida nas terras mineiras pela Coroa Portuguesa. Em Itabira, foram fundadas as irmandades do Santíssimo Sacramento, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Rosário e a Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Foi justamente na arquitetura religiosa que a cidade conheceu uma de suas maiores manifestações artísticas. Prova da riqueza arquitetônica desta época está conservada no teto da capela-mor da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, atual igreja do Rosário, que ostenta uma pintura atribuída a um discípulo do mestre Athaíde. (BASTOS, 2008, p. 48).

Em termos da administração civil, Itabira foi constituída como vila, desmembrando-se de Caeté, em 30 de junho de 1833. Sua primeira Câmara reuniu-se em 30 de outubro desse mesmo ano. A elevação à categoria de cidade ocorreu pouco depois, em 9 de outubro de 1848, pela Lei Provincial N. 374. Nesta ocasião, Itabira do Mato Dentro compreendia os distritos de Antônio Dias, Joanésia, Santana do Alfié, Santa Maria de Itabira, São Domingos do Prata, São Gonçalo do Rio Abaixo, São José da Alagoa, São Miguel e Cuieté. (BRITTO, 2011, p. 21). No entanto, a delimitação político-administrativa dessa região foi adquirindo contornos bastante complexos, face ao contínuo desmembramento de municípios e elevação de distritos à condição de cidade. Assim, por exemplo, o distrito de Antônio Dias Abaixo tornou-se vila de Itabira em 1911 e, sete anos depois, conseguiu sua emancipação, vindo, por sua vez, a anexar os distritos de Melo Viana (futura Coronel Fabriciano) e Hematita em 1923. Em 1938, Melo Viana assume o nome de Coronel Fabriciano e, uma década depois, anexou Timóteo, na tentativa de desmembrar-se como município, no que não obteve êxito, já que não possuía o número de habitantes exigido por lei. Em 1953, Coronel Fabriciano anexou Ipatinga e se desmembrou de Antônio Dias. Mostra-se incessante, portanto, o redesenho desses territórios (GENOVEZ; VALADARES, 2013, p. 387).

As localidades (e lideranças) locais concorriam, simultaneamente, para apropriarem-se dos polos mais dinâmicos da economia. Assim, em Itabira, entre as décadas de 1870 e 1880, era o setor têxtil que assegurava a rentabilidade local, através das fábricas Companhia União Itabirana (Gabirola) e a Fábrica de Tecidos da Pedreira (FRANÇA, 1988; MAGALHÃES,

2006). Todavia, a partir da década de 1940, a mineração de ferro ocupou o posto prioritário na geração de bens e serviços. Em 1944, a Companhia Aços Especiais Itabira (ACESITA), hoje Aperam South America, instalou-se em Coronel Fabriciano – não casualmente, poucos anos depois, a vila consegue alçar-se à categoria de município. (GENOVEZ; VALADARES, 2013, p. 373-374). Na atualidade, outras indústrias de extração e transformação de ferro e madeira estão sediadas na diocese: a Vale em Itabira, a Arcelor Mittal Aços Longos em João Monlevade, a Usiminas em Timóteo e Ipatinga, a Celulose Nipo-Brasileira (CENIBRA) em Belo Oriente.

Não seriam inevitáveis, nesse sentido, os conflitos entre as localidades vizinhas? Tais atritos ocorreram, mas, de forma concomitante, também as negociações, alianças e acordos, tornados possíveis, ao menos em parte, pelo compartilhar da fé católica e, sobretudo, da rede de sociabilidades devocionais instauradas na região. O delineamento dessas interrelações, por sua vez, ganhou contornos particulares com a criação da diocese em 1965, a partir de território desmembrado das arquidioceses de Mariana e Diamantina. Trata-se, porém, de uma identidade fluida, pois não casualmente uma diocese mantém duas cidades como sede. Tal particularidade denota a emblemática expressão desta condição de trânsito, possibilitada, inclusive, por uma crença extremamente agregadora como a católica.

Ao final da década de 1960, conforme o Livro da Caminhada, material produzido pela própria diocese no ano de 2007, esta igreja particular passou por uma fase conturbada, devido ao decrescente número de católicos acompanhado pelo desabamento da antiga Catedral, devido a fortes chuvas, e a renúncia do primeiro bispo, Dom Marcos Noronha, em novembro de 1970 (MOREIRA, 2007, p. 9). Após assumir a Diocese em 18 de junho de 1971, Dom Mário Teixeira Gurgel criou quatro Regiões Pastorais, com sedes em Itabira, João Monlevade, Coronel Fabriciano e São Domingos do Prata (a última extinta pouco tempo depois), no intuito de dar maior autonomia às comunidades regionais, além de alavancar uma grande reestruturação da administração interna da diocese e da catequese (MOREIRA, 2007, p. 9-10). A igreja estava preocupada de como agir neste contexto totalmente diversificado.

Em desdobramento, enquanto a Sé episcopal situa-se na Catedral Nossa Senhora do Rosário, município de Itabira, a Catedral de São Sebastião é a co-sede da diocese, localizada na cidade de Coronel Fabriciano.

## CRIAÇÃO DA DIOCESE

A diocese de Itabira foi criada canonicamente no dia 14 de junho de 1965 pela Bula *Haud Inani*, no pontificado de Paulo VI. O seu primeiro bispo foi Marcos Antônio de Noronha, sendo empossado na antiga Matriz de Nossa Senhora do Rosário, em Itabira-MG, no dia 29 de dezembro do mesmo ano.

No dia 28 de dezembro, às 17h.30, Dom Marcos Antônio Noronha, acompanhado do Sr. Bispo de Guaxupé, D. José de Almeida, foi solenemente recebido em Itabira. Em meio de enorme multidão, foi o

primeiro bispo de Itabira saudado pelo arcebispo de Mariana e pelo prefeito municipal de Itabira, Sr. José Machado Rosa.

No dia 29, às 10 horas, em companhia do Sr. Arcebispo-coadjutor de Belo Horizonte, D. João Resende Costa, de seu bispo-auxiliar, D. Serafim Fernandes Araújo, do Sr. Bispo de Governador Valadares, D. Hermínio Malzone Hugo, de alguns sacerdotes e autoridades civis, chegava a Itabira o Exmo. Sr. Nuncio Apostólico D. Sebastião Baggio. Num palanque ao lado da Catedral, foi o representante do Santo Padre saudado pelo Sr. prefeito José Machado Rosa, em nome do município, seguindo-se o Revmo. padre Tarcísio dos Santos Nogueira, em nome do clero da nova Diocese (Instalou-se a Diocese de Itabira e tomou posse seu bispo, 1966, p. 1).

O território jurisdicional da nova diocese possuía 28 municípios no total, que foi desmembrado das Arquidioceses de Mariana e de Diamantina, sendo que vinte e dois pertenciam a Mariana e seis a Diamantina. As cidades que foram desmembradas de Mariana foram as seguintes: Alvinópolis, Antônio Dias, Bela Vista de Minas, Belo Oriente, Bom Jesus do Amparo, Coronel Fabriciano, Dionísio, Ferros, Itabira, Ipatinga, Jaguaráçu, Joanésia, João Monlevade, Marliéria, Mesquita, Nova Era, Rio Piracicaba, Santa Maria de Itabira, São Domingos do Prata, São Gonçalo do Rio Abaixo, São José do Goiabal e Timóteo. As cidades desmembradas de Diamantina foram: Braúnas, Itambé do Mato Dentro, Morro do Pilar, Passabém, Santo Antônio do Rio Abaixo e São Sebastião do Rio Preto. Com a posterior criação da diocese de Guanhões, os municípios de Joanésia, Ferros, Braúnas e Morro do Pilar passaram a pertencer a sua jurisdição, sendo assim, desmembradas da diocese de Itabira.

A escolha para a nova sede da diocese girava em torno de três municípios, sendo eles o de Itabira, Coronel Fabriciano e Nova Era. Todavia, optou-se, conforme a carta do dia 28 de abril de 1965, pelo município de Itabira, devido a sua tradição católica e estabilidade financeira advinda da estatal Vale do Rio Doce.

Três cidades estavam em luta [...]: Itabira, Coronel Fabriciano e Nova Era, mas a escolha recaiu sobre a primeira, pela sua importância histórica, sendo no plano econômico igual às outras duas. Itabira é uma cidade tradicionalmente católica, com uma população mais estável, e prevalentemente de operários, técnicos e funcionários da Companhia Vale do Rio Doce, que tem sede na cidade. Conta com 16.571 habitantes no centro e 37.387 no município. Está subdividida em três paróquias; há dois hospitais, dois ginásios, duas escolas normais, um colégio comercial, quatro grupos escolares, cinco bibliotecas, uma livraria e uma tipografia (ARQUIVO... *Carta*. 28 abr. 1965, p. 6).

Sobre a configuração territorial, mas também política, Dom Marcos Noronha, o primeiro bispo diocesano da recém igreja particular, destacou na sua homilia de posse, como essa diocese se constituía como território e como ela deveria se apropriar do espírito do Vaticano II.

Tudo está aqui. Em primeiro lugar, um território, delimitando a ação e permitindo um centro. Um território que deve ser a casa de família, com todos os recantos que a casa tem, a serviço do homem. Um território que se divide e se une através das paróquias e das outras comunidades chamadas de base. Cada pedaço está ligado, Evangelho e Eucaristia, para que aí esteja viva a Igreja de Deus. Comunidades que se reúnem no lar, no trabalho, nas fábricas, no campo, no lazer, no estudo, no sofrimento, na luta pela vida, na procura de Deus e do irmão. [...] Paróquias unindo-se para formar a Diocese, aquela porção do povo de Deus. Território para marcar um trabalho de família, unido, mas nunca uma ilha dentro da Igreja universal (ARQUIVO... *Primeiras palavras do Sr. Bispo na Catedral*, 29 dez. 1965. Grifos do autor).

No ano de 1979, quatorze anos após a ereção da sede episcopal, a cidade de Coronel Fabriciano tornou-se co-sede de Itabira a pedido do segundo bispo diocesano, Dom Mário Teixeira Gurgel, religioso da congregação dos padres salvatorianos. A partir dessa data a diocese passou a ter uma sede e uma co-sede, sendo então denominada Diocese de Itabira – Coronel Fabriciano. A nova co-catedral foi sagrada no dia 4 de julho de 1993, pelas mãos do senhor Arcebispo de Mariana, Dom Oscar de Oliveira, na presença do bispo diocesano de Itabira, Dom Mário Teixeira Gurgel, tendo como patrono o Mártir São Sebastião, sendo entregue aos cuidados dos padres redentoristas.

## IDENTIDADES PLURAIS: NOVO JEITO DE SER IGREJA

A historiografia religiosa contemporânea, após um período de desconfiança no tocante aos estudos voltados ao poder eclesiástico, geralmente associados a uma prática autocrática e conservadora (LAGRÉE, 1997), que deveria ser contraposta à religiosidade dos fiéis, principalmente dos segmentos populares, vem retomando as pesquisas referentes ao episcopado católico. Neste sentido, faz-se bastante atual a assertiva de Sérgio Buarque de Holanda, indicando não ser possível “a clara inteligência de numerosas questões de história do Brasil sem a exploração prévia e isenta de nossa história eclesiástica”. (CARRATO, 1963, p. 13).

A interpretação da documentação primária relativa à religiosidade católica na diocese de Itabira-Coronel Fabriciano apóia-se, em termos teóricos, na concepção de “cultura política” desenvolvida por René Remond. Segundo este autor, tal modalidade de produção cultural implica na expansão de um sistema de referências teórico-simbólicas para diferenciados

extratos sociais, para além do grupo de letrados. (RÉMOND, 1996, p.450).<sup>3</sup> Também Serge Bernstein considera a cultura política como um sistema de representações compartilhadas por um grupo, a qual o mobiliza para determinadas modalidades de agir. (BERSTEIN, 1998, p. 361). Desta forma,

A cultura política de uma sociedade compõe-se não só de conhecimentos e crenças que fundamentam as práticas possíveis no interior de um sistema político, como as normas estabelecidas para definir os direitos e deveres dos participantes como cidadãos. Abrange ainda as posturas que asseguram a identidade e delimitam as fronteiras das comunidades a que pertencem indivíduos e grupos, legitimando ou desqualificando as suas reivindicações; e também os simbolismos através dos quais exprimem seus valores e reforçam essas formas de solidariedade. (NEVES, 2003, p. 25).

É facilmente constatável que o catolicismo é um componente crucial da cultura política das sociedades ocidentais contemporâneas. Assim,

Considerando que as religiões e os religiosos difundem um ensinamento que não se limita às ciências do sagrado, mas que, ao contrário, proferem julgamentos em relação à sociedade, impõem advertências, interdições e normas de comportamento, conclui-se que a religião é um importante agente conformador de determinadas identidades políticas. Nas palavras de Aline Coutrot, ‘socializados por práticas coletivas [...] os cristãos adquirem um sistema de valores muito profundamente interiorizado que subentende suas atitudes políticas’ (REMOND *apud* SOUZA, 2012, p. 232).

No caso brasileiro, Paula Montero argumenta que a separação Igreja-Estado não esvaziou o traço religioso, porque o alocou não na subjetividade, mas no interior da sociedade civil. Se a religião institucionalmente constituída deixou de acoplar-se ao Estado, ela permaneceu “pública” no âmbito social, campo relevante para produção e circulação de bens simbólicos e *habitus* sociais. (MONTERO, 2006, p. 49).

De forma concomitante, realçar a dimensão política do imaginário e do discurso religioso não implica em subordinar as ações e convicções dos sujeitos à esfera político-institucional (do governo e dos partidos). Pelo contrário, o enfoque incide sobre os desdobramentos da fé no campo das relações sociopolíticas, que se apresentam assim matizadas de elementos plurais, porque advindos de outras lógicas e interrelações. Como exemplo cito a

<sup>3</sup> “O que se chama às vezes de cultura política, e que resume a singularidade do comportamento de um povo, não é um elemento entre outros da paisagem política; é um poderoso revelador de ethos de uma nação e do gênio de um povo” (RÉMOND, 1996. p. 450).

tentativa empreendida pela Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano em inserir-se no mundo do trabalho que, neste período, mostrava-se exaustivo: os trabalhadores eram geralmente contratados em regime de parceria, por um período de dois anos, devendo derrubar a mata e produzir carvão vegetal para abastecer os altos fornos das empresas Belgo Mineira e Acesita. Posteriormente, as áreas desmatadas transformam-se em pastos para internada, absorvendo pequena quantidade de funcionários, provocando uma elevação progressiva do desemprego, com deslocamento de inúmeras famílias para as áreas urbanas (MORAIS, 2013, p. 53). Diante de tais demandas sociais, a diocese, em parceria com a Congregação dos Padres do Trabalho, criou em 1967 a Universidade do Trabalho, atual Centro Universitário do Leste de Minas Gerais (MOREIRA, 2007, p. 8), para capacitação qualificada dos operários. A Diocese, por meio dos Padres do Trabalho, mantinha desta forma constante contato com as camadas populares, enfrentando, assim, a concorrência ideológica dos grupos de esquerda, principalmente do Partido Comunista, cuja atuação ocorria de forma mais intensa junto aos operários da Acesita, em Timóteo (MORAIS, 2013, p. 67).

Desta forma, as ações dos bispos e leigos da diocese de Itabira – Coronel Fabriciano muito contribuiu, para uma espiritualidade pessoal e devocional que interferiram e ainda interferem nas relações políticas e sociais. Podemos citar como exemplo as diversas pessoas que participam em movimentos, serviços e pastorais, que diretamente interferem nas questões político-culturais desta igreja particular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo teve como proposta temática apresentar alguns elementos da historicidade da diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, canonicamente instituída a 14 de junho de 1965. Entretanto, a despeito da data relativamente recente de sua fundação, a presença do catolicismo na localidade remonta ao século XVIII, quando esse território integrou, sucessivamente, as dioceses do Rio de Janeiro e de Mariana. Como problemática, visou-se reconhecer as inter-relações mantidas entre a religiosidade católica e as configurações identitárias da região, em termos político-culturais. Em outras palavras, como o catolicismo incidiu para a formação de uma (ou algumas) identidades regionais.

Para tal pesquisa foi indispensável recorrer à concepção de cultura política, desenvolvida por René Rémond e por Serge Berstein, aplicando-a à vivência eclesial (imaginários e práticas, alianças e conflitos) da diocese de Itabira-Coronel Fabriciano. Postulamos que o catolicismo apresentou-se como fator relevante na formação de um imaginário político-cultural compartilhado por inúmeros sujeitos (individuais e coletivos) das cidades que compõem a diocese de Itabira-Coronel Fabriciano. Tais localidades, ao longo do século XX, encetaram um permanente conflito por apropriação de áreas e moradores, com vistas à sua autonomização municipal, bem como pela prerrogativa de sediar as grandes companhias mineradoras e madeireiras. Tal divergência, porém, veio a ser contrabalançada por auto-reconhecimento (ainda que tensional) como uma instância religiosa unificada – a diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, com crenças, simbologias e lideranças compartilhadas.-

A pluralidade da diocese apresenta-se não somente em sua estruturação institucional, traduzida por sua titulação Itabira-Coronel Fabriciano, tendo particularmente duas catedrais, a do Rosário e de São Sebastião, mas também no esforço em combinar-se um forte comprometimento das pastorais sociopolíticas e missionárias com atenção à formação e à espiritualidade já que as três regiões pastorais são completamente distintas: Itabira voltada mais para uma fé devocional; João Monlevade com uma junção entre fé devocional e engajamento social e Coronel Fabriciano (Vale do Aço) com uma fé mais engajada no social com poucos traços devocionais.

## REFERÊNCIAS:

### *Fontes primárias*

ARQUIVO ECLESIASTICO DA DIOCESE DE ITABIRA-CORONEL FABRICIANO. *Projeto para constituição da Diocese de Itabira*. s.d [após 1960]. Mimeo. p. 2.

ARQUIVO ECLESIASTICO DA DIOCESE DE ITABIRA-CORONEL FABRICIANO. *Carta*. 28 abr. 1965.

ARQUIVO ECLESIASTICO DA DIOCESE DE ITABIRA-CORONEL FABRICIANO. *Primeiras palavras do Sr. Bispo na Catedral*, 29 dez. 1965. Manuscrito.

### *Jornal*

*O Arquidiocesano*: órgão oficial da Diocese de Mariana. Mariana, 9 jan. 1966. p. 1.

### *Site*

IBGE. Enciclopédia dos Municípios Brasileiros. V, XXV. 1959. *Itabira*. p. 240-245. Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/itabira.pdf>>. Acesso em: 08 maio 2018.

### *Obras gerais*

BASTOS, Elaine Viza. *Itabira e a Companhia Vale do Rio Doce: interações e identidade no tempo da modernidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2008.

BUARQUE, V. A. C.; PINHEIRO, C. F. S.; SANTOS, J. C. *DIOCESE DE ITABIRA - CORONEL FABRICIANO - 50 ANOS DE HISTÓRIA* -. Belo Horizonte: O Lutador, 2015.

BERSTEIN, Serge. A Cultura Política. In: RIOUX, Jean-Pierre & SIRINELLI, Jean-François. *Para uma História Cultural*. Trad. Ana Moura. São Paulo: Estampa, 1998.

BRITTO, Maura Silveira Gonçalves de. *Com luz de ferreiro: práticas de ofício nas minas de ferro escravistas, século XIX*. Dissertação (Mestrado em História). Mariana: UFOP, 2011.

CARRARA, Ângelo. *Contribuição à História Agrária de Minas Gerais*. Mariana: EdUFOP, 1999.

CARRATO, J. F. *As Minas Gerais nos primórdios do Caraça*. São Paulo: Nacional, 1963.

ENGRACIA, Julio. Chorografia Mineira. In: *Revista do Arquivo Público Mineiro*. Ouro Preto, v. 3, 1989.

FRANÇA, Jussara. Itabira: Um Perfil de Sua História. In: *No Tempo do Mato Dentro*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 1988.

GENOVEZ, Patrícia Falco; VALADARES, Vagner Bravos. *A formação territorial de Coronel Fabriciano (sede) e de Ipatinga (distrito) entre as décadas de 1920 e 1960: afinal, quem são os Estabelecidos e os Outsiders?* Revista de História Regional, n. 18, v. 2, p. 363-388, 2013.

LAGRÉE, Michel. Histoire religieuse, histoire culturelle. In: RIOUX, Jean Pierre et SIRINELLI, Jean François (Org.). *Pour une histoire culturelle*. Paris: Seuil, 1997.

MAGALHÃES, Cristiane Maria. *Mundos do Capital e do Trabalho: a construção da paisagem fabril itabirana (1874-1930)*. Dissertação (Mestrado em História). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2006.

MONTERO, Paula. *Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil*. Novos estudos CEBRAP, 74, p. 47-65, março 2006.

MOREIRA, Odilon Guimarães. *Livro da caminhada*. Itabira: Diocese de Itabira-Coronel Fabriciano, 2007.

NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. *Corcundas e constitucionais: a cultura política da Independência (1820-1822)*. Rio de Janeiro: Editora Revan: FAPERJ, 2003.

PRESAS, Carolina Soledad. *Instituições e desenvolvimento em municípios de base mineira: os casos de Parauapebas-PA e Itabira-MG*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável). Brasília-DF. Universidade de Brasília. Maio de 2012. p. 74.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (org). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV, 1996.

SANTOS, Júlio César. *A capela do Rosário dos Pretos de Itabira: bens móveis e integrados*. Artigo (Pós-graduação em História da Arte Sacra). Mariana-MG. Faculdade Arquidiocesana de Mariana “Dom Luciano Mendes de Almeida”. 2017.

SOUZA, Françoise Jean de Oliveira. Liberdade Religiosa em um Estado Religioso: liberalismo e catolicismo nos debates da Assembleia Constituinte de 1823. *Temporalidades – Revista Discente*. Belo Horizonte, UFMG, p. 229-249, 2012.